“Na era dos líderes populistas, a diplomacia é menos sobre tratados e mais sobre teatros.” A cena montada nos jardins da Casa Branca, em agosto de 2025, com Donald Trump ao lado de Volodymyr Zelenskyy e líderes europeus, parecia saída de um guião cuidadosamente encenado. A retórica foi conciliadora, os gestos cuidadosamente cronometrados, e o cenário construído para a câmara. O que deveria ser um encontro diplomático de alto nível tornou-se um espetáculo global, transmitido em direto para milhões, consumido como produto mediático e interpretado como sinal de liderança. Mas por detrás da cortina de cordialidade, encontrava-se uma nova configuração da diplomacia contemporânea: a diplomacia populista como performance.

A política externa, que tradicionalmente operava nos bastidores da negociação estratégica, entrou agora no palco da espetacularização. Trump não é o primeiro a teatralizar a diplomacia, mas é certamente o mais eficaz na sua apropriação populista. Como descreve o *Atlantic Council* (2025), a sua atuação em Washington não visava tanto o avanço de soluções concretas, mas a construção de imagem — de poder, de conciliação, de liderança global. A diplomacia torna-se assim um jogo de perceções, em que o conteúdo cede lugar à forma e a negociação se converte em encenação.

A literatura contemporânea sobre populismo tem vindo a expandir-se para além da análise da política interna. Mudde & Rovira Kaltwasser (2024) sustentam que o populismo opera também no campo externo, moldando a política internacional em torno de discursos simplificados, polarizações morais e centralidade do líder. Trump é arquétipo deste modelo: desprezo por mediações institucionais, preferência por contacto direto com o público e uma política externa que se traduz em símbolos mais do que em tratados. A reunião com Zelenskyy, neste sentido, não foi um espaço de negociação substancial, mas um palco onde Trump ensaiou o papel de pacificador carismático.

A teatralidade da diplomacia atual não é acidental — ela é estratégica. Cornut (2025) argumenta que a diplomacia do século XXI está progressivamente marcada por espetacularização, em que imagens e gestos substituem os bastidores negociais. Cimeiras tornam-se reality shows globais, e a linguagem performativa — como “trégua realista” ou “grande amizade entre os povos” — é calibrada para manchetes, não para resoluções. Trump não ofereceu compromissos tangíveis, mas insinuações simbólicas, flertes retóricos e promessas vagas que alimentam a narrativa do poder sem custo político real. O impacto imediato é mediático; o impacto duradouro, incerto.

Esta diplomacia performativa impõe também custos aos aliados. Os líderes europeus, conscientes da fragilidade da coesão transatlântica, viram-se pressionados a participar do espetáculo, mesmo diante de desconfianças quanto à seriedade da proposta. A política externa transforma-se, assim, numa arena onde a aparência de unidade se sobrepõe à sua substância. Em vez de coerência estratégica, temos coordenação visual. Em vez de compromissos multilaterais, temos selfies diplomáticas. O dilema é grave: resistir à encenação é correr o risco de parecer obstrucionista; participar nela é legitimar uma diplomacia superficial.

Este modelo, embora eficaz em conquistar atenção, é arriscado no plano geopolítico. Weiss (2024) alerta que a performance diplomática cria uma ilusão de consenso que pode ser letal. Aparentar estabilidade quando há divisão; sugerir compromissos onde não existem acordos — são gestos que aumentam a entropia internacional. No caso do encontro em Washington, a ausência de compromissos concretos com a defesa da Ucrânia contrastou com a abundância de declarações genéricas sobre paz. O perigo é que adversários, como Vladimir Putin, interpretem este vácuo como oportunidade, e que aliados passem a duvidar da firmeza do Ocidente.

A diplomacia populista também levanta questões éticas relevantes. Ao transformar negociações que envolvem vidas humanas — como a de um país em guerra — em peças mediáticas, corre-se o risco de trivializar o sofrimento. A estética sobrepõe-se à responsabilidade. O tempo da política passa a ser o do ciclo de notícias e das redes sociais, não o da construção de soluções duradouras. A performance substitui a prudência. A diplomacia, que deveria ser prática de contenção e escuta, converte-se em espetáculo efémero e autoindulgente. Como advertiu Nye (2025), o *soft power* não se sustenta apenas em imagem, mas na credibilidade por detrás dela.

O caso Trump ilustra com clareza esta dinâmica. Em vez de usar a sua influência para avançar negociações concretas, preferiu a projeção de uma imagem conciliadora. Isto permitiu-lhe ocupar o centro da narrativa internacional — não como responsável, mas como protagonista. A diplomacia populista é, neste sentido, profundamente centrada no ego. É uma diplomacia do selfie: todos os atores querem aparecer bem enquadrados, mesmo que a cena seja vazia de conteúdo. A consequência é que os processos multilaterais perdem densidade, e a arquitetura internacional baseada em confiança e continuidade é corroída.

A questão não se limita a Trump. Outros líderes — de Bolsonaro a Modi, de Erdogan a Orbán — utilizam estratégias semelhantes de teatralidade diplomática. Trata-se de uma tendência global, em que a política externa torna-se extensão da imagem interna, e em que as relações internacionais são adaptadas ao ritmo do espetáculo mediático. O palco é global, mas o roteiro é local: cada gesto internacional visa reforçar a posição doméstica. O resultado é um paradoxo: quanto mais visível torna-se a diplomacia, menos substancial ela é.

Conclui-se que a diplomacia populista representa uma mutação estrutural na forma como os líderes se relacionam com o mundo. O caso de Trump em 2025 não é exceção, mas sintoma. A sua atuação no "gramado global" da Casa Branca revelou um estilo eficaz em curto prazo — capturar manchetes, reforçar imagem, confundir adversários — mas perigoso no médio e longo prazo. Ao privilegiar a performance em detrimento da estratégia, enfraquece-se a capacidade de construir acordos robustos e duradouros.

A política externa não pode ser reduzida a espetáculo. O mundo não é um palco — é um sistema complexo de interesses, alianças, equilíbrios e consequências. Substituir negociação por encenação é brincar com a estabilidade global. A diplomacia, como prática ética e estratégica, exige mais do que aplausos: exige profundidade, coerência e responsabilidade. Os líderes que a tratam como teatro devem lembrar-se de que, na história, as peças mal escritas tendem a terminar em tragédia.

Referências Bibliográficas

Atlantic Council. (2025, August 20). *Was Trump's summit with Zelenskyy and European leaders a turning point for Russia's war in Ukraine?* Washington, DC.

Cornut, J. (2025). Diplomacy as Performance: Images, Gestures and the Global Stage. *International Studies Review*, 27(3), 401–419.

Mudde, C., & Rovira Kaltwasser, C. (2024). *Populism in the Global Arena*. Cambridge University Press.

Nye, J. (2025). Soft Power in the Age of Populist Leaders. *Foreign Policy Analysis*, 21(2), 189–204.

Weiss, T. (2024). The Dangers of Theatrical Diplomacy. *Ethics & International Affairs*, 38(4), 377–392.

The Guardian. (2025, August 20). *European leaders scramble to shield Ukraine in high-stakes Trump talks*.

Washington Post. (2025, August 20). *Limits of Trump’s diplomacy clear as Moscow balks at Ukraine plan*.